

Parque ganha status

Decreto transformará áreas do Guarã e

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sexta-feira, 20 de maio de 1988 19

de estação ecológica

Gama em sítios de preservação ambiental

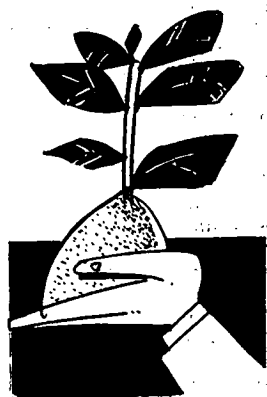
DENISE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

O Parque do Guarã será transformado em estação ecológica, através de decreto do governador José Aparecido, no próximo dia 5, como parte da comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente. O processo foi enviado à Procuradoria-Geral do DF na terça-feira. A estação ecológica abrangerá duas áreas do parque, num total de 146 hectares, onde serão feitas pesquisas e preservadas as matas ciliares do córrego do Guarã.

O Parque do Gama também vai virar estação ecológica. Além disso, será criada a área de proteção ambiental (APA) de Cafuringa e o Conselho Supervisor de Áreas Protegidas Administradas pelo GDF. A reserva biológica de Águas Emendadas tornase-a estação ecológica, totalizando 282 hectares de estações ecológicas mais 25 mil hectares referentes à APA de Cafuringa. Com a criação da estação ecológica do Gama, ficarão protegidas as encostas do sul da satélite, propensas à erosão devido à própria formação geológica.

GUARã

A Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecno-



logia (Sematec) optou pelas áreas 1 e 2 do Parque do Guarã, para transformação em estação ecológica, por serem as menos degradadas. Nelas, a fauna e, principalmente, a flora estão mais conservadas, mantendo as características originais do meio. O córrego do Guarã, que contribui para a formação do Lago Paranoá, terá a nascente protegida. Vivem nestas áreas cerca de quatro famílias, que serão transferidas para outro local.

A estação ecológica abrigará apenas pesquisas e conservação ecológica. Ao contrário das Apas, as es-

tações ecológicas não podem, conforme a legislação, manter atividades de lazer ou qualquer tipo de utilização pelo público em geral. As áreas 1 e 2 do Parque do Guarã ainda são ricas em orquídeas típicas do cerrado, pinheiros-bravos e outros tipos de plantas, além de muitos pássaros.

A Sematec pretende ainda utilizar as áreas 3 e 4 do Parque do Guarã para preservação. O ambiente, no entanto, está muito degradado, já que moram muitas famílias no local e ainda há poluição proveniente do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA). A Fundação Zoobotânica estuda a transferência das 30 famílias residentes na área do parque, mas não definiu o local para onde serão removidas.

Segundo a responsável pela área de ecossistemas da Sematec, Valmira Vieira Mecnas, a fiscalização da estação ecológica deverá envolver outros órgãos, como FZDF, IBDF e Corpo de Bombeiro. E que a Sematec é deficiente de pessoal, não tendo sequer um fiscal. A APA Cabeça de Veado, de 25 mil hectares, vem sendo fiscalizada pela Fundação Zoobotânica, embora seja de responsabilidade da Sematec.

Governo incrementa a destruição

O principal resultado da transformação de 146 hectares do Parque do Guarã em estação ecológica será a preservação de uma pequena parte do que deveria ser uma imensa área de conservação ecológica e também de lazer. O parque, originalmente com cerca de 700 hectares, foi sendo fragmentando e diminuindo ao longo dos anos pelas invasões oficializadas do GDF, que propiciaram a construção das quadras econômicas Lúcio Costa, do Guarã I e II, do Setor de Serviços Públicos e até da torre transmissora da Rádio Nacional.

O Parque do Guarã pertence à Fundação Zoobotânica, que o recebeu em 1965, quando foi criado por escritura pública. O então prefeito de Brasília, Israel Pinheiro da Silva, destinou à FZDF, para constituição do patrimônio, uma verba de 10 milhões de cruzeiros. O Parque Zoobotânico — área onde hoje existe o Zoológico — o parque do Guarã, uma estação biológica para investigação da fauna e da flora (Águas Emendadas) e o Parque Rural.

A criação do Parque do Guarã objetiva principalmente a proteção de ma-

nanciais para irrigação do Zoobotânico — a ideia era a construção do Jardim Zoológico e do Jardim Botânico em uma mesma área — e também a produção de mudas de plantas e criação de animais para formação do plantel do Zoológico. O projeto nunca foi executado por falta de verbas.

MUTILAÇÃO

Desde 1965, a área do parque, que não é cercada, é uma das mais visadas do DF, pois está próxima ao Plano Piloto e tem solo rico. Segundo o chefe do Departamento de Terras Rurais da FZDF, Joaquim Tavares, vários governadores, ao longo dos anos, foram autorizando a utilização de áreas do parque, embora a destinação específica seja a proteção ambiental. "O parque foi mutilado aos poucos. Quiseram até construir o Guarã III na área", afirma Joaquim Tavares.

Ele acrescenta que a única área que "saiu legalmente" do parque é a destinada à Associação de Criadores de Pássaros do DF, de aproximadamente 40 hectares. As terras foram cedidas à associação atra-

vés de processo, iniciado em 84 e finalizado em 86, de concessão de uso precário, significando que a FZDF pode, a qualquer momento, retomá-las. A concessão dos 40 hectares de terra, onde futuramente estará a reserva ecológica — foi autorizada pela Caesb e Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma).

Tanto a Caesb quanto o Cauma exigiram, no contrato, a reposição da flora nativa, a preservação da rede elétrica, da fauna e da flora. Do total da área, 29 mil metros quadrados poderão ser utilizados para edificações. Pelo contrato, a associação só pode usar a área com finalidade recreativa, desde que não prejudique o meio ambiente. A Associação dos Criadores de Pássaros do DF paga mensalmente à FZDF dois MVR (Maior Valor de Referência), num total de Cz\$ 5 mil 754,88.

Na opinião de Joaquim Tavares, a transformação de parte do parque em estação ecológica "é o melhor que pode acontecer", lembrando que a proteção do meio ambiente é uma destinação original.

Habitat de pássaros

A Associação de Pássaros Canoros do DF é quase tão antiga quanto o Parque do Guarã. Criada em 67, reúne cerca de dois mil criadores de curió, bichos, sabiás e canários da terra, entre outros tipos de pássaros. Segundo o presidente da entidade, Aloisio Pantini Tostes, a área do Parque do Guarã, cedida à entidade será reservada à pesquisa e a torneios de canto: "Esta área foi habitat natural de pássaros que hoje estão em processo de extinção. Iremos repovoá-la".

As construções seguem ritmo acelerado. Dentro de três semanas deverá estar pronto o galpão de 1 mil 80 metros quadrados, com salão de festas e área para realização dos torneios de canto, e uma bonita casa, que será habitada pelo administrador do "clube", Jorge Soares. A associação desmatou boa parte do terreno, para plantar "árvores frutíferas e floríferas", conforme disse Jorge Soares.

Ele afirma, que a asso-

ciação contribui com a preservação da área cedida pela FZDF: "Cercamos tudo e não deixamos ninguém caçar ou pescar".

Para Aloisio Tostes, a área propiciará um avanço nas pesquisas realizadas "há tempos" pelos criadores. Em princípio, serão soltas algumas aves e utilizado o galpão para a colocação de alimentos, na primeira tentativa de repovoamento: "A partir de setembro, época da procriação, já poderão ser vistos muitos filhotes por lá".

O local também servirá a criadores de outros Estados, já que a federação da categoria tem sede em Brasília. Mesmo tendo parte da área destinada à recreação e podendo receber a visita de muitas pessoas, Aloisio garante que não haverá destruição da mata. "A mata é intocável. Ninguém quebrará um galho de árvore. Os criadores são conscientes da importância da preservação". Para Aloisio, é necessário um trabalho de conscientização da vizinhança.

Morador quer rever doação

Embora favorável à transformação do Parque do Guarã em estação ecológica, a Associação de Moradores do Guarã protesta contra o arrendamento de parte das terras à Associação de Criadores de Pássaros "a preço de banana". A associação considera "um absurdo" a construção das benfeitorias e teme a utilização da área para criação e posterior venda dos pássaros, "o que proporciona grandes lucros".

Para Robson Alvarenga, presidente da associação, a existência da Associação de Criadores de Pássaros em área do Parque do Guarã "é apenas um dos males sofridos pela flora local". Entre os exemplos citados, estão as usinas de asfalto do Setor de Indústrias, hoje sob liberdade vigiada. A associação quer que as usinas sejam transferidas para outro local. Na tentativa de impedir uma maior degradação do parque, a Associação de Moradores do Guarã ajuizou ação contra o GDF em 28 de abril de 87, considerando-o omissivo quanto à proteção.